

Do mais precioso desta terra: modelos de agricultura em trânsito e em conflito no Gênesis 43¹

Nancy Cardoso Pereira*

Resumo: Considerando a lista de produtos agrícolas de Gênesis 43.11, este artigo avalia as alternativas disponibilizadas na pesquisa para compreensão do ciclo de José, rastreando os tráfegos eco-geográficos e comerciais na antiguidade afro-oriental a partir do pistache, propondo um horizonte persa para a compreensão das trocas materiais e seus simbolismos presentes no texto.

Resumen: Considerando la lista de productos agrícolas de Génesis 43.11, este artículo evalúa las alternativas disponibles en la investigación para la comprensión del ciclo de José, procurando los tráficos eco-geográficos y comerciales en la antigüedad afro-oriental a partir del *pistache*, proponiendo un horizonte persa para la comprensión de los canjes materiales y sus simbolismos presentes en el texto.

Abstract: Considering the list of agricultural products in Genesis 43:11 this article evaluates the alternatives made available by scholarship for understanding the cycle of Joseph searching for the eco-geographical and commercial routes in ancient eastern-Africa starting with the pistachio and proposing a Persian horizon for the understanding of the material exchanges and its symbolism present in the text.

¹ Este texto faz parte da pesquisa desenvolvida nos estudos de Pós-Doutorado em História Antiga, no Núcleo de Estudos Estratégicos da Unicamp.

* Nancy Cardoso Pereira é pastora metodista, assessora de formação da Comissão Pastoral da Terra (CPT), em Porto Alegre, RS.

Nunca me interessei por pistache. Não gosto. Nem sorvete, nem tira-gosto. Sempre o considereei um desses alimentos desnecessários, típicos para comer fora de hora. Até que me deparei com o texto do Gênesis 43 que apresenta o pistache entre “os mais preciosos frutos desta terra”.

O texto apresenta uma relação desigual e assimétrica entre os produtos da agricultura do Egito e os produtos da terra de Jacó e sua família. Enquanto a produção do Egito se encontra extremamente centralizada nos armazéns na forma geral do grão/cereal, a produção do grupo familiar de Jacó poderia ser caracterizada pela coleta e transformação básica de produtos da terra transportados em *vasos*: bálsamo, mel, resina, mirra, pistache e nozes. Além desses *presentes*, o grupo deve levar também *dinheiro* e o filho mais jovem (Benjamin) como forma de garantia do acesso ao grão.

Mesmo reconhecendo a forma teatralizada dos relatos sobre José e seus irmãos, o texto reúne algumas informações que poderiam ser articuladas numa possível reconstrução sobre os modelos, trânsitos e conflitos da agricultura que aparecem na Bíblia Hebraica. A relação entre a agricultura extensiva comercializada – cereal armazenado – e produtos da terra localizados e em menor escala – acompanhados de trocas em dinheiro e corvéia – (entendida como comércio de seres humanos) pode viabilizar a construção de uma hipótese sobre comércio e agricultura na Bíblia Hebraica.

Os problemas são vários:

- De que Egito se fala? De que período?
- De que terra se fala? De que produtos?
- A escala monetarizada de troca substitui ou complementa as trocas por produtos secundários e corvéia?
- Como estabelecer a questão do valor? O que se deve entender como *mais precioso*?
- Os produtos da terra listados: devem ser entendidos em separado ou como conjunto de produtos voltados para uma função orgânica?
- Qual o uso/valor que teriam os produtos *preciosos no* Egito apresentado?
- Que informações se têm sobre a produção e a comercialização desses produtos?
- Existem referências arqueológicas ou textuais para essas trocas ou elas devem ser entendidas isoladamente?

Considerando os limites deste trabalho e desta pesquisa, vou me resumir a uma introdução e uma crítica geral sobre o ciclo de José, trabalhan-

do com pesquisas já disponibilizadas e citadas a seguir; num segundo momento avalio a lista de produtos e suas informações gerais, para então me dedicar ao estudo do pistache para, a partir de um produto concreto, tentar rastrear os tráfegos eco-geográficos e comerciais na antiguidade afro-oriental, tratando de situar a história bíblica nas confluências e afluições dessas trocas materiais e seus simbolismos.

Essa pergunta pelos tráfegos materiais e simbólicos que organizam produtos, culturas, geografia e poder faz parte de um inventário hermenêutico que se dispõe a visibilizar o horizonte camponês e agrário da Bíblia Hebraica, evitando generalidades conceituais e funcionais e devolvendo essa memória como passado vivo do campesinato, de modo especial do campesinato latino-americano e sua luta por uma *via campesina*.

Como memória camponesa a Bíblia Hebraica exige atualização de seus termos como tarefa fundamental do estudo da antiguidade como exercício de uma história-para-si, superando as heresias idolátricas de um estudo da história-em-si. Neste sentido, a primeira coisa a fazer é reconhecer o pistache para além da aparência do sorvete e do snack, concretizando a produção do pistache como contínuo histórico, seus tráfegos e conflitos.

De modo especial, essa pergunta re-coloca a Bíblia Hebraica como texto e como cultura material, resultado de trocas incessantes que devem ser consideradas na perspectiva de uma história eco-camponesa (entendida como as trocas vitais entre os campesinatos e os sistemas vitais com suas materialidades [geografia e trabalho] e simbólicas [paisagens e rituais])².

Apresentando o pistache

Aspecto geral e origem: a *Pistácia vera*, conhecida como *Pistachio*, é uma árvore originária das regiões médio-orientais de tamanho pequeno ou médio, podendo chegar a 10 metros. Tem folhas e flores esverdeadas na primavera e frutos comestíveis, o pistache. É uma árvore *dioecious*, isto é, que apresenta características ou femininas ou masculinas, precisando das duas para a reprodução.

Características: o pistache contém cobre, magnésio e potássio; é uma planta que tolera a seca e também temperaturas baixas, precisando de

2 TOLEDO. **Roteiros agrícolas e antropologia**. Disponível em: <http://oikos.unam.mx/prueba_menus/Toledo/toledo_semblanza.htm>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.

temperaturas de mais de 40 graus para produzir seus frutos adequadamente. Toleram solos alcalinos e salinos, precisando de alguma água para uma melhor produção. Existem diversos tipos de pistache: *Pistácia terebinthus*, *Pistácia atlântica*, *Pistácia intergerrima* e *Pistácia palestina*, que é um tipo híbrido.

1 - Petróleo, armas nucleares e pistache: conflitos comerciais e globalização

1.1 - Produção e consumo mundial

Pesquisas de consumo e hábitos alimentares apontam para o seguinte resultado: 75% das pessoas nas sociedades desenvolvidas têm o costume de consumir snacks pelo menos uma vez ao dia, em especial nos EUA e na Europa³. Amendoins, fritas, *pretzels*, castanhas e... pistaches estão presentes como aperitivos, como acompanhamento de bebidas ou só mesmo para fazer o tempo passar.

De grande valor calórico, esses petiscos têm preferência sobre doces, biscoitos e frutas frescas. É um fenômeno associado ao *fast-food* que agrega facilidade de conservação, facilidade de armazenamento e consumo descomplicado (sem talheres ou pacotes) e vai se firmando como imagem associada de requinte e passatempo.

O pistache vai sendo adicionado a chocolates, bolos e tortas, sorvetes, biscoitos e farinhas, consolidando parcerias calóricas e exóticas que, com o objetivo de otimização de plantas calóricas de uso e armazenamento descomplicados, ampliam a base de consumo do pistache, mas também acionam um deslocamento da área de produção, redesenhando o mapa do pistache e criando desequilíbrios econômicos e bio-sistêmicos na já frágil relação ocidente-oriente.

³ Disponível em: <<http://www.cfaitc.org/Commodity/pdf/Pistachios.pdf>>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.



- mercado em disputa □ 10 %
- 1 > Holanda □ 5%
- 2 > Luxemburgo □ 6%
- 3 > Alemanha □ 7%
- 4 > Estados Unidos □ 14%
- 5 > Irã □ 58%

Produto de origem oriental, o pistache tem hoje um mercado internacional consolidado entre Irã, Turquia e Estados Unidos (a partir dos últimos 80 anos) com uma base de consumo maior no Oriente Médio, seguido pela Europa (sendo a Alemanha o maior comprador do Irã e o maior exportador dentro da Europa).

No rastro das guerras de ocupação e anexação dos Estados Unidos no Oriente, a economia do Irã se viu por diversas vezes atingida por propostas de embargo que passam pelo controle das vendas de petróleo, controle da pesquisa nuclear... e controle da produção e exportação de pistache! Em 1986, os Estados Unidos estabeleceram barreiras tarifárias que representavam 317% sobre o preço do pistache iraniano, vedando o mercado norte-americano e criando dificuldades no mercado europeu.

Esses 20 anos de embargo (que foram parcialmente flexionados em 2002) coincidiram com o crescimento e a consolidação da produção norte-americana⁴ de pistache (com sede principal na Califórnia) e a disputa do mercado europeu, representando perdas significativas para a produção ira-

4 Disponível em: <www.fas.usda.gov/htp/Hort_Circular/2004/12-10-04/12-04%20Pistachios.pdf>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.

niana. Considerando o atual conflito do capitalismo ocidental em relação ao Irã tanto na questão do petróleo como da energia nuclear, as políticas das agências financeiras internacionais para a agricultura devem ser entendidas no âmbito dos movimentos expansionistas do capital ocidental e seus mecanismos de subordinação do oriente. O controle da agricultura (o mais precioso da terra) e das fontes energéticas se aliam ao intervencionismo militar norte-americano como expressão da política de totalidade pretendida pelo império.

1.2 - Defesa de ecossistemas e aplicações tecnológicas: o eco-pistache

As atenções se voltam para plantas como o pistache na pesquisa sobre fontes renováveis de combustível, de modo especial o combustível vegetal: três vezes mais funcional que o óleo de oliveira, o óleo de pistache tem uma maior capacidade de queima, sendo uma excelente fonte renovável para as experiências de biomassa⁵.

As características do pistache selvagem têm um papel fundamental na conservação de ecossistemas nas regiões médio-orientais, de modo especial outras espécies cultivadas. O crescimento do valor comercial e a competição pelo mercado globalizado têm levado a preferência por poucas espécies mais comerciais, subordinando as espécies selvagens a processos destrutivos. Nesse sentido, além da luta política comercial do pistache na frente de enfrentamento Estados Unidos-Irã, existe a preocupação de:

- garantir a distribuição da diversidade genética do pistache em sua região de origem (médio-oriental);
- documentar as espécies e avaliar as condições de solo;
- salvaguardar os recursos genéticos e as aplicações tecnológicas a partir do *habitat* e dos modos de produção;
- promover e potencializar os usos e as aplicações do pistache a partir de uma melhor compreensão agro-morfológica, considerando os elementos de imposição dos tratados comerciais e buscando alternativas para as tradicionais regiões produtoras, garantindo a preservação ecossistêmica.

5 IPGRIs Regional Office for Central and West Asia and North Africa (CWANA).

2 - Gênesis 43: política agrícola do império e subordinação dos produtos da terra

2.1 - Gênesis 43: o texto e a fome

A moldura maior das narrativas de José insiste numa oscilação entre períodos de abundância e um período recorrente de fome considerada *gravíssima* (Gênesis 41.31):

Havia fome em todas as terras, mas em toda a terra do Egito havia pão [...] e todas as terras vinham ao Egito para comprar de José porque a fome prevaleceu em todo o mundo (Gn 41.54 e 57).

O capítulo 43 e a temática da fome já apareceram no capítulo 42, na primeira viagem dos filhos de Jacó para o Egito:

Jacó soube que havia mantimentos no Egito, e disse a seus filhos: Vocês, o que estão esperando? Eu soube que no Egito há mantimento para vender. Vão até lá e comprem mantimentos para nós, a fim de continuarmos vivos e não morreremos (Gn 42.1 e 2).

O texto informa que o mantimento a que se referia era o trigo (42.3) e que os filhos de Israel foram na companhia de outros *forasteiros comprar mantimentos, pois havia fome em Canaã* (42.5). A insegurança alimentar era, assim, uma questão ampliada da população de Canaã; o versículo 19 deixa claro: “outros irão levar os mantimentos para suas famílias que passam fome”.

Todo o enredo insiste na questão da compra e venda de mantimentos ou de trigo com dinheiro ou prata (42.6 e 7; 10; 25; 27 e 28; 35).

2.2 - Avaliando o ciclo de narrativas de José: a questão da teoria econômica e literária

Os capítulos 37-50 do Gênesis apresentam diversos elementos que poderiam ser considerados *egípcios*: uso de termos egípcios, costumes e títulos da corte, práticas de sepultamento⁶ (cf., p. ex., Gn 40-41; 47.13-26; 50.26). Tais elementos são, entretanto, superficiais e gerais e não autorizariam uma datação e um momento histórico específico. Os nomes egípcios que são utilizados não permitem uma localização temporal exata, aproximando-se de documentos compatíveis a partir do ano 1000 a.C.

⁶ GOTTWALD, Norman. **Introdução sócio-literária à Bíblia Hebraica**. São Paulo: Paulinas, 1988. p.170.

Parte da pesquisa vai entender como possível a política agrícola centralizada, apresentada no ciclo de José com os modelos de controle do período do Império Novo (1570-1085 a.C.). Entretanto, as informações gerais não permitem a definição de um contexto histórico mais exato⁷.

Considerando a coesão e a unidade narrativa do ciclo de José⁸, que autorizariam uma avaliação diferente dos ciclos narrativos anteriores (Abraão, Isaque e Jacó) marcados por tradições culturais localizadas, os capítulos 37-50 vêm sendo tratados como literatura sapiencial. Esse caráter sapiencial poderia ser identificado a partir da apresentação de *figuras psicológica e antropológicamente distintas das demais narrações patriarcais*, o que sustentaria a tese de localização do ciclo de narrativas de José no âmbito do *assim chamado iluminismo salomônico I, no século X a.C.*⁹

A tendência de avaliação do ciclo de José (Gn 37 a 50) tendo como horizonte as funções e relações de um possível funcionalismo da monarquia, de modo especial no período de Salomão¹⁰, acaba limitando as narrativas a aspectos burocráticos e sapienciais presentes na delimitação funcional da economia e obscurecendo as materialidades das políticas produtivas, distributivas e de consumo do império apresentado como “Egito”.

A subordinação das materialidades econômicas a um estrato ideológico identificado como política econômica supõe uma intencionalidade política modeladora de relações econômicas aparentemente contidas e expressas nessa racionalidade, o que dificultaria o tratamento concreto dos mecanismos econômicos apresentados pelo texto – mesmo em se tratando de uma novela. A identificação do horizonte do texto nos marcos de um possível *iluminismo salomônico* tem funcionado como redutor das contradições presentes no texto e das contradições materiais que o texto insiste em apresentar: fome, centralização da agricultura, moeda e corvéia, subordinação dos produtos agrícolas secundários, etc.

Essa leitura, aparentemente reveladora da pertença das narrativas ao âmbito do tributarismo monárquico, mas limitada a um caráter sapiencial e didático, reforça o profundo caráter programático-ideológico do texto, entendendo ideologia como manifestações invertidas da esfera da produção, como materialidade subjacente das relações reais fazendo tudo parecer invertido:

7 GOTTWALD, 1988, p. 167.

8 RAD, Gerhard von. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Aste, 1973. v. 1, p.170.

9 REIMER, Haroldo. A necessidade da monarquia para salvar o povo: apontamentos sobre a história de José (Gênesis 37-50). **Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**, Petrópolis, n. 23, p. 69, 1995.

10 Para uma avaliação sobre as alternativas existentes cf.: REIMER, 1996, p. 71 e 72.

[...] O padrão final das relações econômicas vistas superficialmente em sua existência real, e conseqüentemente nas concepções pelas quais os seus portadores e agentes procuram compreendê-las, é muito diferente, e, na verdade, é o próprio inverso, de seu padrão interno essencial, mas oculto, e da concepção que a ele corresponde.¹¹

Nesse sentido, as materialidades econômicas das narrativas ficam subordinadas a uma leitura superficial que, mesmo denunciando os aspectos manipuladores do imaginário social sobre o gênio organizacional de José, não desvela o *padrão interno essencial e oculto* das trocas econômicas na agricultura.

O horizonte tradicional da monarquia tributária para o ciclo de narrativas de José acaba sendo fruto deste limite teórico:

[...] entendendo a história de José como um escrito de legitimação do estado tributário, de seus funcionários e sua política. Com artifícios sapienciais e teológicos, tem por intenção defender a idéia básica de que o estado, seus funcionários e sua política de tributos e armazenamento de alimentos são necessários para manter a vida do povo (cf. Gn 50.20).¹²

Seria preciso rever os pressupostos teóricos que sustentariam uma compreensão de controle estatal da produção irrigada num estado agrário pré-monetarizado, como no caso do Egito Antigo, sem antecipar as resoluções administrativas e financeiras do período imperial posterior¹³, como possivelmente no período aquemênida e ptolomaico. A distinção importante se dá entre o uso de dinheiro – entendida como instituição social que aparece em sociedades antigas num determinado ponto de complexidade – e a cunhagem de moeda, que deve ser localizada na região médio-oriental a partir do séc. VI a.C. e simultaneamente na Índia e na China.

A propagação da moeda diferencia o tempo do domínio persa das épocas anteriores [...] Com a introdução da moeda, o Estado central persa aquemênida criou um instrumento que tornava possível calcular as receitas e as despesas. A razão da cunhagem de moedas era o interesse do Estado em regularizar os tributos. Mas ao mesmo tempo esta inovação trouxe conseqüência considerável que se concretizou, antes de mais nada, na avaliação contínua de bens e homens, e contribuiu para regularizar e normatizar as relações sociais.¹⁴

11 MARX, Karl. **O capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. Livro III, cap. XII, p. 171.

12 REIMER, 1995, p. 72.

13 LE RIDER, Georges. **La naissance de la monnaie**: pratiques monétaires de l'Orient ancien. Paris: Press Universitaires de France, 2001. p. xv.

14 KIPPENBERG, Hans. **Religião e formação de classes na antiga Judéia**. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 48.

Algumas avaliações mais recentes apresentam alguns problemas para esta leitura limitada do *iluminismo salomônico*, apresentando alternativas que precisam ser melhor desenvolvidas, mas que facilitam o acesso às *materialidades subjacentes*.

O problema estaria nos altos custos de comunicação e controle, considerando as enormes assimetrias do fluxo de informação¹⁵. O Egito Antigo poderia parecer uma exceção com sua tradição de reis poderosos, e uma burocracia hierárquica capaz de superar a natural tendência de fragmentação política e os altos custos poderiam ser superados pelo efeito centralizador do vale do rio. Mas a burocracia era provavelmente mais limitada em sua eficiência de controle, considerando as características do despotismo egípcio que dependia de um apoio de uma elite local fiel ao centro de poder e fundamental para a mobilização de trabalho compulsório, de forças para o serviço militar, para a limpeza de canais, a cobrança de taxas e a redistribuição da produção agrícola a partir dos templos locais.

Mesmo considerando que momentos de baixa do rio Nilo poderiam exigir políticas mais centralizadoras, seria difícil avaliar a capacidade de uma intervenção estatal com controle absoluto sobre as economias locais com lideranças próprias e soluções dadas por características e necessidades eco-localizadas ainda no período do Reino Novo.

Um sistema de controle estatal da produção agrícola somente poderia ser presumido a partir dos mecanismos administrativos e ideológicos do império persa aquemênida¹⁶ e a criação de uma classe governante mais coesa e estruturada. A continuidade de tal política sócioeconômica poderia ser localizada de modo mais evidente no período de dominação grega e persa e na continuidade do governo ptolomaico no Egito, principalmente pela reformatação do sistema agrícola em termos de monetarização e a agregação das taxações na forma dos impostos de circulação e comércio.

Os relatos de uma economia de controle da produção agrícola egípcia articulada com mecanismos monetários¹⁷ e comerciais deveriam ser considerados a partir de um horizonte imperial aquemênida (552 a.C.), de

15 MANNING, J. G. **Land Tenure, Rural Space, and the Political Economy of Ptolemaic Egypt**. Disponível em: <<http://www.princeton.edu/~pswpc/pdfs/manning/050501.pdf>>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.

16 BRIANT, Pierre. Espace, populations et économie tributaire. In: **Historie de l'empire perse**: de Cyrus à Alexandre. Paris: Fayard, 1996. p. 648-651.

17 DANDAMAYEV, M. **A Political History of the Achaemenid Empire**. Leiden: Brill, 1989. p. 61.

modo especial no período de Dario, que utilizou e potencializou sistemas administrativos locais para uma eficiente centralização¹⁸.

No tempo de Dario – assim escreve A. Ben-David – a cevada era muito cara em relação à cotação da prata [...] Do ponto de vista dos agricultores, tal mudança de preços era excepcionalmente desfavorável, uma vez que a relação entre a prata e os produtos agrícolas os prejudicava.¹⁹

Os/as autores/as²⁰ que preferem uma datação pós-exílica para o ciclo de José articulam o horizonte das trocas econômicas com a proximidade literária do texto com outras literaturas desse período. Alguns elementos comuns seriam:

- a situação de exílio e a convivência com elementos sociais e históricos “externos” (como no livro de Daniel, Ester e outros);
- a importância de sonhos e interpretações (como no livro de Daniel e Ester);
- a aparente confiança que o personagem principal tem por parte do poder estabelecido (que poderia ser aproximado das figuras de Neemias e Esdras);
- a autonomia de gerenciar a economia com grupos particulares sem comprometer a lógica econômica total (Ne 5);
- a figura salvadora de um “judeu” no lugar certo, na hora certa, podendo influenciar e salvar seu povo, motivo recorrente nas novelas pós-exílicas.

O fato da novela de José não apresentar a questão da “lei” – que funcionaria como um dos critérios básicos²¹ para a pertença aos escritos pós-exílicos – não elimina a perspectiva de que a “lei de Deus” se identificava com a “lei do rei” (Ed 7.27).

Numa avaliação mais abrangente seria importante entender a situação difícil do Egito no período persa, com diversos momentos de revolta e oscilação que tiveram importância na política da população de Judá como também para os judeus na diáspora. O Egito era um problema constante para o império persa, o que definiu a política de fortalecimento de uma Jerusalém aliada.

18 CRUZ-URIBE, Eugene. **The Persian Presence at Qasr el-Ghuieta**. Northern Arizona University. Disponível em: <<http://jan.ucc.nau.edu/~gdc/ghu/ghuieta.htm>>. Acesso em: jan. 2001.

19 KIPPENBERG, 1988, p. 49-50.

20 MEINHOLD, A; BLENKINSOPP; SETERS, John van.

21 REIMER, 1995, p. 72.

Em todo o caso, o quadro que o Pentateuco traça do Egito e das relações de Israel com este país é marcado por uma profunda ambivalência. Por um lado, trata-se de uma terra em que se pode encontrar refúgio, especialmente em período de fome [...] não é de menos importância que a potência opressora que aqui é derrotada e à qual Israel se subtrai era, para o imperador persa, perigosa e considerada em freqüente rebelião.²²

Funcionando como narrativa explicativa para a localização dos *filhos de Israel que entraram com Jacó no Egito* (Êx 1.1), isto é, para o período de trabalho compulsório²³ que os grupos sociais da Bíblia têm como memória, as narrativas de José apresentam fragmentos das relações entre o campesinato “livre” e as estruturas de expansão e centralização da agricultura imperial.

Neste estudo, sem a pretensão de resolver as questões literário-redacionais do ciclo de José, pretendo avaliar um dos elementos dessa narrativa, dedicando-me de modo especial aos elementos da oferta enviada por Jacó para o Egito e considerando as questões de uma agricultura “imperial” e modos de vida produtivos regionais, as relações comerciais e as trocas intra-regionais no estabelecimento de rotas de influência, assim como a política de subordinação de produtos regionais à política econômica “total”.

2.3 - Gênesis 43.11: o texto e o pistache

Respondeu-lhes Israel, seu pai: se é tal, fazei pois isso: tomai do mais precioso desta terra em vossos sacos, e levai de presente a esse homem: um pouco de mel, bálsamo e mirra, nozes de pistácia e amêndoas.

Os produtos listados vão ser apresentados como *o mais precioso da terra* com um termo que somente aparece em Gn 43.11, מִיִּזְרֵיךָ, e de significado incerto²⁴. Aproximações poderiam ser feitas com o verbo *zamar* com o significado de *aparar/podar*²⁵, indicando, provavelmente, *aquilo que é cortado*. Outra possibilidade seria partir de *zamar* com o significado de *cantar, cantar louvor, fazer música*²⁶, indicando *aquilo que é louvado/louvável*, isto é, *precioso*.

22 CRUSEMANN, Frank. **A Tora: teologia e história da lei do Antigo Testamento**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 470 e 471.

23 CARDOSO, C. Flamarion. **Trabalho compulsório na antiguidade**. Campinas: Contexto, 1992. Introdução.

24 HARRIS; ARCHER, Jr.; WALTKE. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 397 (560 a).

25 HARRIS; ARCHER, Jr.; WALTKE, 1998, p. 397 (559). KIRST, Nelson et al. **Dicionário hebraico-português e aramaico-português**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1988. p. 59.

26 HARRIS; ARCHER, Jr.; WALTKE, 1998, p. 396 (558).

A compreensão de אֶרֶץ, *a terra*, poderia ser numa perspectiva mais cosmológica ou com significado regional, isto é, designando um território específico. A diferença seria a de valorar os produtos listados como *mais preciosos* de modo geral, de toda a terra ou, de modo mais particular, seriam os produtos *mais preciosos de uma determinada região*²⁷. Essa delimitação seria fundamental para a determinação da escala de valor da oferta, מְנִיָּה, que pode ser entendida como *dádiva, presente, respeito, amizade (política), tributo, oferta de manjares, oferenda*²⁸.

Esses elementos do valor/preciosidade, da procedência geográfica e do sentido do oferecimento de produtos agrícolas na compra de produtos agrícolas serão fundamentais para a localização das trocas e significados da agricultura nessa narrativa. Para isso seria importante conhecer os cinco produtos listados (mel, bálsamo, mirra, pistache e amêndoas) no que se refere a valor, procedência e significado em separado e no conjunto da oferta. Neste estudo inicial será estudado o pistache, ficando os demais produtos para um estudo posterior.

3 - O pistache e as fontes

O termo pistache – *botnîn*, בֹּטְנִין – aparece somente em Gn 43.11 e tem raiz incerta, podendo ser aproximado da raiz *btn*, בָּטַן traduzida como *ventre, barriga, corpo*²⁹. Alguns autores aproximam este fruto do *figo* de Gn 3.7³⁰ como uma generalização para fruto do pinheiro como pinha ou o pistache, reconhecendo os atributos do óleo retirado dessa planta como um poderoso estimulante, planta com poderes de êxtase usada em rituais divinatórios e numa medicina contra dor.

No texto de fundação da cidade de Kalhu, o rei assírio Assurbanipal II descreve os materiais que tornam o palácio admirável e glorioso, entre eles a madeira do pistache; também na descrição detalhada do *menu* do banquete oferecido na festa de inauguração estão relacionadas 100 *pinhas de pistache*³¹.

Um inventário gravado numa coluna do período aquemênida inclui uma grande variedade de produtos vegetais com indicação de quantidades

27 HARRIS; ARCHER, Jr.; WALTKE, 1998, p. 124 e 125 (167).

28 KIRST, 1988, p.131.

29 GESENIUS, W. **Hebrew and English Lexicon of the Old Testament**. Oxford: Clarendon Press, 1959. p. 106.

30 RYAN, Pat. Disponível em: <<http://oi.uchicago.edu/OI/ANE/ANE-DIGEST/VO3/vo3.n158>>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.

31 Disponível em: <<http://www.metmuseum.org/explore/anesite/html>>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.

usadas na cozinha do palácio: açafraão, mel, farinha de trigo e cevada, pistache e gergelim, gordura animal e centeio, entre outros itens³², reforçando o uso do pistache na dieta dos palácios como um produto precioso. Do período de Dario tem-se notícia da política imperial de transplante de árvores³³ para regiões para além do Eufrates: o pistache foi levado para a Síria, o arroz para a Mesopotâmia e o gergelim para o Egito.

As múltiplas referências ao *pistache* em fontes antigas podem estar associando plantas da mesma família, mas com características diversas: a *Pistácia vera*, mais comum na Palestina, tem um uso mais definido como alimento calórico de grande resistência e extração de resina para diversos usos³⁴ (perfume, incenso, etc.); a *Pistácia therebinthus*, referindo-se a produtos com origem na Pérsia e região mesopotâmica com presença freqüente em carregamentos entre os impérios médio-orientais, em especial para o Egito através do comércio em Canaã e/ou Sheba, também sendo usada como alimento ou na forma de resina, mas igualmente como madeira para combustão, sendo uma das poucas que queimam numa temperatura alta o suficiente para a preparação do ferro³⁵, conforme estudos arqueológicos que acompanham os movimentos da planta na região saudi-arábica³⁶.

Os dois tipos têm sua origem na região médio-oriental mais próxima do sudeste da Ásia, onde têm sido cultivados pelo menos há mais de quatro mil anos, ficando o centro principal de domesticação e desenvolvimento de diversidades localizada na atual região do Irã e depois na Síria³⁷.

Estudos etno-arqueológicos especializados em análise de resíduos vegetais apresentam suficiente atestação do trânsito do *pistache*³⁸ (de to-

32 HISTORY of saffron. Disponível em: <http://www.mashrote.com/aboutsaffron_e.htm>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.

33 AVERY, Peter. Disponível em: <http://www.cais-soas.com/CAIS/Culture/iran_cultural_crossroads.htm>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.

34 HAREUVENI, Nogah. **The Seven Species of the Land of Israel**. Disponível em: <www.jhom.com/topics/seven/species.html>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.

35 D'ANDREA, A. C. **Pistachio Wood Charcoal**. Disponível em: <<http://sfu.ca/archeological/museum/ask/subsis.htm>>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.

36 GRUTZ, Jane Waldron. Disponível em: <<http://www.saudiarabia.com/issue/199804/oasis.of.turquoise.and.ravens.htm>>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.

37 NEAR Eastern Crop Diversity and its Global Migration. Disponível em: <<http://www.ipgri.cgiar.org/Publications/HTMLPublications/47/ch07.htm>>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.

38 PLANT Remains: Food Supply, Diet and Trade. University of Southampton, 1999. Disponível em: <<http://www.arch.soton.ac.uk/Projects/projects>>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006; EXCAVATION at Tall Hujayrat al-Ghuzlan: A Joint Project between the Department of Archeology of the Jordan University (Aman), and the Orient Department of the German Archeological Institute (Berlin). Disponível em: <http://dainst.org/index_2877_en.html>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.

dos os tipos), identificando-o como um dos produtos de freqüente intercâmbio entre a região persa através das rotas sírio-fenícias ou pelo sul arábico³⁹, tendo na região de Judá e arredores uma das vias de comércio.

De modo especial, o interesse egípcio pelo pistache parece estar direcionado para a fabricação de incenso⁴⁰ e como resina adequada para mumificação⁴¹. Pesquisa desenvolvida em Amarna identificou provável resina de *Pistácia vera* em ânforas nitidamente diversas do tipo egípcio e reconhecidas como ânforas do tipo cananita. Os estudos descartam os resíduos tendo origem na *Pistácia therebinthus* por suas características não favoráveis à extração de resina.

A predominância da resina de pistache como incenso está fora de disputa. Era trazida para o Egito em ânforas cananitas e queimada em pequenos utensílios de produção local. Estes resultados são particularmente interessantes quando considerados em conjunto com a descoberta de uma grande carga de resina de pistácia no navio naufrago encontrado na costa sul da Turquia perto de Uluburun [...] entre os achados estão 150 ânforas cananitas provavelmente cheias de resina de pistácia. Estes achados apontam para a possibilidade de que o navio tinha como destino o Egito indicando a presença de uma indústria e comércio de resina na região da Síria-Palestina.⁴²

4 - Agricultura e valor: do mais precioso da terra

A característica de pesquisa em andamento não autoriza conclusões finais para este estudo, mas aponta para alguns elementos que podem subsidiar um aprofundamento das relações do campesinato na região de Canaã/Palestina com os antigos impérios médio-orientais.

A localização pós-exílica do ciclo de narrativas de José, o redimensionamento da oferta feita por Jacó em Gn 43.11 em termos complementares de moeda e produtos da agricultura considerados preciosos e o fato dos produtos da terra citados pertencerem a um cardápio multi-funcional de produtos de luxo e de grande valor comercial situam a região da Judá no complexo mundo das trocas econômicas dos impérios.

Tal localização deve ser entendida de modo periférico e subsidiário,

39 MOLDENKE. **The Balm of Genesis 43,11**. Disponível em: <<http://Penelope.uchicago.edu/misctracts/notes.html>>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.

40 ANCIENTE Cosmetics & Fragrance. Disponível em: <<http://cyonic-nemeton.com/Cosmetics.htm>>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.

41 Disponível em: <www.wnotalone.com/article/4641.html>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.

42 SERPICO, Margaret. **Organic Residues**. Institute of Archeology, University College London. Disponível em: <<http://www.mcdonald.cam.ac.uk/Projects/Amarna/residue/resindex.htm>>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.

atualizando e re-qualificando a região como corredor comercial dependente. A centralização do grão nos armazéns imperiais expressa a rivalidade entre as espécies cerealíferas⁴³ e as políticas agrícolas como mecanismo básico de sustentação dos impérios. Sob controle do estado os cereais assumem valor monetário e subordinam os demais produtos da terra, apesar de seu valor de uso inquestionável na sobrevivência do campesinato mas, também, como artigo de luxo dos palácios, como no caso do pistache.

Ampliando as conclusões de Hans Kippenberg – que avalia a situação das famílias camponesas no domínio persa⁴⁴ pelo esforço de produção de excedente da cevada como exigência para o funcionamento dos mecanismos tributários –, tal esforço seria complementado pela especialização em produtos que davam mais lucro, de modo especial os derivados de oliveira e vinho. Esse desenvolvimento explicaria a mudança do perfil produtivo do campesinato de Judá no séc. II a.C., dependente também da atividade e intermediação de comerciantes estrangeiros.

Além disso, as descobertas e pesquisas arqueológicas dos roteiros agrícolas e dos trânsitos de produtos agrícolas subsidiários na antiguidade podem ampliar a lista de produtos – incluindo, por exemplo, o pistache – e tornar mais explícita a política econômica e agrícola que sustentava os impérios a partir do controle tanto da agricultura extensiva como das preciosidades e variedades regionais.

Articular essas pesquisas com a situação de extrema dificuldade da população camponesa de Judá no período persa pode ser fundamental para a superação de uma visão tolerante e positiva desse império, redimensionando textos desse período e recuperando os conflitos e a resistência de um projeto camponês na Bíblia Hebraica como aparece em Neemias, capítulo 5:

A qualidade da terra pode ter piorado, o mau tempo pode ter prejudicado a colheita, o número de famílias pode ter crescido demais, heranças divididas diminuiram talvez a área de cultivo [...] as exigências estatais de pagamento do imposto sobre o terreno [...] E ainda mais este imposto tinha que ser pago em moedas. Que escolhas tinham esses camponeses, cujos campos e vinhedos já estavam hipotecados, senão vender seus filhos e filhas como escravos?⁴⁵

A história de José poderia ser entendida, então, como um produto ideológico das elites a serviço dos persas, que normatiza e legitima a venda do irmão, a monetarização da agricultura e a subordinação do mais precioso

43 JACOB, H. E. **Seis mil anos de pão**: a civilização humana através de seu principal alimento. São Paulo: Nova Alexandria, 2003. p. 43.

44 KIPPENBERG, 1988, p. 50.

45 KIPPENBERG, 1988, p. 56.

da terra em nome da racionalidade econômica do império.

Ao campesinato – homens e mulheres – cabe somente a denúncia: “Nós somos iguais a nossos irmãos. Nossos filhos têm o mesmo valor que os filhos deles! Apesar disso fomos obrigados a entregar nossos filhos e filhas à escravidão” (Ne 5.5).

Referências

- ANCIENTE Cosmetics & Fragrance. Disponível em: <<http://cyonic-nemeton.com/Cosmetics.htm>>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.
- AVERY, Peter. Disponível em: <http://www.cais-soas.com/CAIS/Culture/iran_cultural_crossroads.htm>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.
- BRIANT, Pierre. Espace, populations et économie tributaire. In: **Historie de l'empire perse: de Cyrus à Alexandre**. Paris: Fayard, 1996.
- CARDOSO, C. Flamarion. **Trabalho compulsório na antiguidade**. Campinas: Contexto, 1992.
- CRUSEMANN, Frank. **A Torá: teologia e história da lei do Antigo Testamento**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CRUZ-URIBE, Eugene. **The Persian Presence at Qasr el-Ghuieta**. Northern Arizona University. Disponível em: <<http://jan.ucc.nau.edu/~gdc/ghu/ghuieta.htm>>. Acesso em: jan. 2001.
- DANDAMAYEV, M. **A Political History of the Achaemenid Empire**. Leiden: Brill, 1989.
- D'ANDREA, A. C. **Pistachio Wood Charcoal**. Disponível em: <<http://sfu.ca/archeological/museum/ask/subsis.htm>>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.
- EXCAVATION at Tall Hujayrat al-Ghuzlan: A Joint Project between the Department of Archeology of the Jordan University (Aman), and the Orient Department of the German Archeological Institute (Berlin). Disponível em: <http://dainst.org/index_2877_en.html>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.
- GESENIUS, W. **Hebrew and English Lexicon of the Old Testament**. Oxford: Clarendon Press, 1959.
- GOTTWALD, Norman. **Introdução sócio-literária à Bíblia Hebraica**. São Paulo: Paulinas, 1988.
- GRUTZ, Jane Waldron. Disponível em: <<http://www.saudiarabia.com/issue/199804/oasis.of.turquoise.and.ravens.htm>>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.
- HAREUVENI, Nogah. **The Seven Species of the Land of Israel**. Disponível em: <www.jhom.com/topics/seven/species.html>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.
- HARRIS; ARCHER, Jr.; WALTKE. **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

- HISTORY of saffron. Disponível em: <http://www.mashrote.com/aboutsaffron_e.htm>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.
- IPGRIs Regional Office for Central and West Asia and North Africa (CWANA).
- JACOB, H. E. **Seis mil anos de pão**: a civilização humana através de seu principal alimento. São Paulo: Nova Alexandria, 2003.
- KIPPENBERG, Hans. **Religião e formação de classes na antiga Judéia**. São Paulo: Paulinas, 1988.
- KIRST, Nelson et al. **Dicionário hebraico-português e aramaico-português**. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1988.
- LE RIDER, Georges. **La naissance de la monnaie**: pratiques monétaires de l'Orient ancien. Paris: Press Universitaires de France, 2001.
- MANNING, J. G. **Land Tenure, Rural Space, and the Political Economy of Ptolemaic Egypt**. Disponível em: <<http://www.princeton.edu/~pswpc/pdfs/manning/050501.pdf>>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.
- MARX, Karl. **O capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974. Livro III, cap. XII, p. 171.
- MOLDENKE. **The Balm of Genesis 43,11**. Disponível em: <<http://Penelope.uchicago.edu/misctracts/notes.html>>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.
- NEAR Eastern Crop Diversity and its Global Migration. Disponível em: <<http://www.ipgri.cgiar.org/Publications/HTMLPublications/47/ch07.htm>>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.
- PLANT Remains: Food Supply, Diet and Trade. University of Southampton, 1999. Disponível em: <<http://www.arch.soton.ac.uk/Projects/projects>>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.
- RAD, Gerhard von. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Aste, 1973. v. 1.
- REIMER, Haroldo. A necessidade da monarquia para salvar o povo: apontamentos sobre a história de José (Gênesis 37-50).
- Revista de Interpretação Bíblica Latino-Americana**, Petrópolis, n. 23, p. 69, 1995.
- RYAN, Pat. Disponível em: <<http://oi.uchicago.edu/OI/ANE/ANE-DIGEST/VO3/vo3.n158>>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.
- SERPICO, Margaret. **Organic Residues**. Institute of Archeology, University College London. Disponível em: <<http://www.mcdonald.cam.ac.uk/Projects/Amarna/residue/resindex.htm>>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.
- TOLEDO. **Roteiros agrícolas e antropologia**. Disponível em: <http://oikos.unam.mx/prueba_menus/Toledo/toledo_semblanza.htm>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.
- <<http://www.cfaitc.org/Commodity/pdf/Pistachios.pdf>>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.
- <<http://www.metmuseum.org/explore/anesite/html>>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.
- <www.wnotalone.com/article/4641.html>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.
- <www.fas.usda.gov/hp/Hort_Circular/2004/12-10-04/12-04%20Pistachios.pdf>. Acesso em: nov. 2005/jan. 2006.